

## MEMÓRIAS E ESCRITAS PROVOCADAS PELA LEITURA EM SALA DE AULA

Marlise Buchweitz Klug<sup>1</sup>

Tatiana Bolivar Lebedeff<sup>2</sup>

**RESUMO:** Discute-se o papel da literatura como mediadora da aprendizagem dos alunos e como meio de reflexão da realidade. No trabalho docente com o Ensino Médio desenvolve-se a prática da auto-narrativa dos alunos, ou seja, que os mesmos escrevam sobre seu inventário pessoal, através da escrita de memoriais que são repletos de enredos, informações, preciosidades únicas que se encarregam de compor e tecer a vida de cada um. A escrita está aliada a leitura e aos poucos é possível perceber (eles e quem os lê) o quanto ocorreram mudanças nos textos de cada aluno. A metodologia está baseada na escrita dos memoriais a partir do livro lido, buscando a inter-relação com a vida pessoal de cada estudante, sendo que as questões teóricas são refletidas a partir dos textos de diferentes autores. A partir dos textos produzidos, busca-se pensar questões sobre a memória e a interferência do indivíduo em seu contexto a partir das leituras e reflexões realizadas em sala de aula.

### 1 Introdução

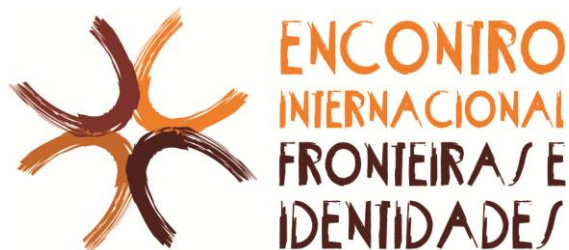
O papel do professor é fundamental na atual configuração complexa das escolas brasileiras, no sentido de que há uma necessidade de conectar o aluno à sua realidade através do conhecimento intermediado pela escola e, no sentido de que é necessário induzir o aluno a um saber plural. Pensando nessa perspectiva, verificou-se a necessidade de desenvolver um ambiente de trabalho que pudesse fazer o aluno pensar sua realidade, que o fizesse se sentir acolhido e que lhe possibilitasse aprender a lidar mais tranquilamente com os problemas que lhe afligem, através da literatura. Antônio Cândido afirma que “a literatura (...) é um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre” (1965:24).

Parafraseando Cândido pode-se dizer que o leitor também é um produto social e, que este exprime a realidade de seu tempo. A relação do leitor com o texto impresso, e, antes deste, com o texto oral, mostra a relação dialética que existe entre ambos. Se por um lado a literatura influencia a sociedade – aqui entendida como uma representação coletiva do leitor

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural UFPel.

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia do Desenvolvimento – UFPel. Professora da Universidade Federal de Pelotas.



como indivíduo – é válido dizer que esta, por sua vez, também influencia fortemente o processo de criação literária e produção de sentido do texto.

Observa-se a partir da leitura das Orientações Curriculares para o Ensino Médio que

[...] a leitura de literatura tem-se tornado cada vez mais rarefeita no âmbito escolar, seja porque diluída em meio aos vários tipos de discurso ou de textos seja porque tem sido substituída por resumos, compilações. Sendo assim, é necessário e urgente o letramento literário ser repensado no sentido de dotar o educando da capacidade de se apropriar da literatura, tendo dela a experiência literária, uma experiência com foco no patrimônio cultural e artístico local.

Este texto relata a experiência de trabalhar na escola de Ensino Médio um livro infanto-juvenil que, de alguma forma, pudesse tratar questões diversas da realidade dos alunos, fazendo-os focar no patrimônio cultural e artístico local, além das questões da alteridade e as da subjetividade do indivíduo. Esse trabalho realizou-se numa parceria entre os professores da área de Linguagens – uma das quatro áreas do conhecimento de divisão do currículo do Ensino Médio das escolas estaduais do Rio Grande do Sul.

Como objetivos, o trabalho buscou resgatar o prazer estético pela leitura, provocar reações, estímulos, experiências múltiplas e variadas que permitissem compreender os significados da escrita e da leitura literária como instrumento de aprendizagem, revelando uma autêntica prática social e, também, fornecer ao aluno recursos intelectuais e linguísticos para a vida pública (MEC, 2006).

Destaca-se que as comunidades escolares que participaram do trabalho estão localizadas nas áreas urbana e rural do município de Piratini, no sul do estado. A escola localizada na cidade é formada por estudantes da cidade e do interior, de modo que o público discente é diversificado no sentido de faixa etária, condição socioeconômica e condição cultural, pois a escola é única na zona urbana em abrangência desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Já a escola da zona rural é apenas de Ensino Médio e possui, como alunos, moradores do entorno da escola. O trabalho contou com a participação de 150 alunos das duas escolas.

A narrativa escolhida para uma atividade que pudesse ser desenvolvida ao longo de um ano foi *A menina que veio de longe*, da autora Andréa Ilha. Esta é a história da menina Dulce que precisa lidar com muitas questões desafiadoras e tristes em sua vida: mudanças – de uma cidade para outra –, despedidas – dos amigos que tanto amava e que ficam para trás quando os pais decidem mudar-se –, abandono por parte dos pais – pois estes escolhem ir



morar em outro país e deixam-na aos cuidados da avó –, convivência com pessoas até então desconhecidas – Dulce cresce na cidade de Belo Horizonte e pouco contato têm com a família da mãe que mora em Porto Alegre, mas esse contato é intensificado de forma abrupta quando os pais decidem primeiro mudar para a cidade sulina e depois deixar a menina com a avó quando vão trabalhar no Canadá – e, finalmente, o fato de ficar órfã, já que os pais eram usuários de álcool e por este motivo sofrem um acidente de trânsito fatal.

Um dos fatores motivadores para a leitura do texto escolhido foi a perspectiva da visita da autora nas escolas e a possibilidade de falar com ela sobre a história e de fazer perguntas – fato que se concretizou ao final do ano de 2013, ano no qual o projeto teve sua execução.

Ao longo do ano os alunos foram convocados a ler, a produzir escritas que relacionassem suas vidas com as da protagonista do livro e, a compartilhar essas escritas, tanto em sala de aula como no Blog desenvolvido com este fim. A literatura fez parte de suas vidas, permitindo o compartilhamento de vivências, memórias e sentimentos, ora ficcionais, ora reais, oportunizando a construção de novos conhecimentos e produção de novas inferências sobre os outros e sobre si mesmo.

## **2 Literatura e prática docente**

Acredita-se que a prática docente não existe sem a leitura. Alguns alunos saem de casa às cinco horas da manhã e retornam a noite. Chegam a casa e possuem pouco tempo para chegar à escola. São exemplos para outros jovens e adultos que estão na mesma situação: simplesmente ser o aceno de um novo modo de inserção na comunidade e na família. O momento mais delicado por assim dizer surge quando lhes é solicitado que leiam livros. Além de um ou outro livro para leitura obrigatória escolhido pelo professor, sempre se deixa claro que os livros podem ser da literatura infanto-juvenil, romance, espírita ou algo que seja do interesse, pois o trabalho com a leitura possui o firme objetivo de inseri-los em outros contextos, outra interlocução e um novo sentido faz-se necessário.

Ao se pensar um projeto integrando professores e alunos trazendo para a sala de aula questões que estão no dia-a-dia de cada um, acredita-se num aceno ainda maior para a reflexão e para a interferência de cada um de nossos estudantes em seu contexto, sua comunidade e sua família. Além disso, ao pensar em conjunto sobre questões que afligem, pode-se lidar melhor com elas e perceber que estas são compartilhadas por outros colegas e,



muitas vezes, não ditas. Daí a necessidade do professor intermediar um trabalho que provoque discussões, reflexões, e que interfira nas questões não ditas, nos eventos não rememorados.

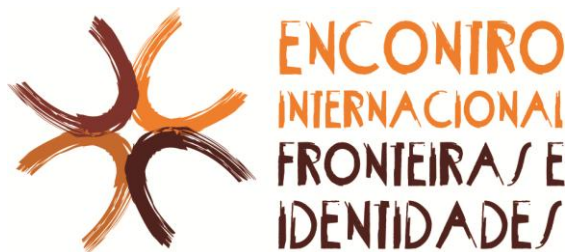
Umberto Eco sugere que a leitura “é uma máquina preguiçosa que pede ao leitor para fazer parte de seu trabalho” (1989, p.55). Ao compreender assim a atividade do leitor, como um trabalho, paciente e exigente, com peculiaridades e dependente de uma manufatura pessoal que é justamente a leitura, como sugere Simone Weil, é possível entender esse processo longo que buscou-se desenvolver dentro das salas de aula.

Ao debruçarem-se sobre o livro, os alunos acompanharam a trajetória da menina Dulce e articularam suas vidas a fatos da vida dela a fim de produzirem textos escritos com temas que tivessem alguma relação com os temas do livro: mudanças, perdas, amizade, família, trajetória escolar, depressão, leitura, entre outros que surgiram. Ao fazer essa relação, os alunos manifestaram sentimentos e emoções para alguns guardados, para outros apenas lembrados, mas ativaram através da memória suas histórias, suas particularidades e puderam de alguma forma lidar com elas ao ter o aval ou a descoberta da vivência compartilhada na leitura realizada.

Candau comenta que “os acontecimentos que recordamos, ordenados por um sistema racional no momento de sua evocação são nossa memória”, e ao evoca-la “configuramos para o presente um acontecimento do passado e temos a oportunidade de criar uma estratégia para o futuro” (2006). Os alunos, então, ao rememorem suas vivências e trajetórias às vezes tão tristes quanto as da menina Dulce, criaram estratégias para lidar com elas ao tornarem-se escritores para leitores reais – a própria autora do livro que leu o blog dos textos e também os colegas e os professores.

Uma das alunas escreveu que:

[...] é certo que todos nós temos em um dado momento da vida, passar por mudanças. Algumas constantes, outras mais pacatas, porém estão sempre ali ao lado esperando o tempo certo para a sua apresentação, mas qual será esse o tal "tempo certo"... Muitas vezes o inesperado brilha, e tudo então parece estar perdido. Angústia e medo são apenas o princípio dos sentimentos que afloram, o que não se pode, é deixar prender a sensação de destruição. [...] Observa-se que a amizade é grande aliada para se superar desafios. Ter um amigo ou amiga é sinônimo de conforto, aconchego. E veja só, na verdade nem tudo está perdido quanto parecia estar, afinal ainda se tem uma mão que irá se estender e lhe ajudar a levantar. [...] Mas e o tempo... Bom, esse cada um possui o seu, tudo tem a sua hora para acontecer e de certa forma motivos para existir, alguns até podemos entender, outros como a dor da perda são excluídos ao nosso entendimento, e ficarão marcados para todo sempre em nossa memória. [...] Lembremos que assim como a pequena Dulce, personagem do livro "A Menina que Veio de Longe", mesmo em meio a tantas



mágoas e decepções nunca se deixou cair, devemos perante as transformações buscar forças para seguirmos adiante, não é nada fácil, porém chorar já nascemos sabendo, temos que aprender então a sorrir. [...] Tomemos como exemplo a ser seguido o hábito de ler. A leitura enriquece, abre as portas para o universo vasto do conhecimento e da imaginação, nos proporcionando viajar, sonhar e quem sabe nesse mundo encontrar um pouco de consolo e algumas respostas para o que se está vivenciando. [...] Assim conclui-se, que o "longe" é riqueza, experiência...que há sempre aquele que é o nosso lugar, embora com o alçar do voo ali teremos nossas raízes, lembranças de conquistas e derrotas, talvez até mais derrotas, mas já foi dito que nem tudo está perdido. Metamorfoses, sublime arte de viver, e crescer. Afinal é vida que segue (Moura, 2013).

A viagem pelas páginas do livro trouxe também uma retomada à introspecção, ao aceitar o desafio da leitura e posteriormente relacionar como a atividade permitiu dar visibilidade e voz aos jovens que sentiram as angústias vividas pela personagem e se reconhecerem protagonistas de suas próprias histórias. Utilizaram suas trajetórias como caminho para a escrita e o livro como mote. Mesclaram suas memórias escolares, mudanças de escola, problemas vividos com amigos e outros inúmeros espaços existentes entre autor, personagem, situações que são comuns no cotidiano das pessoas – comparação que se faz em relação a outras vivências. Candau (2011) adverte que a memória recusa-se a calar, para o autor ela é imperativa, onipresente, abusiva, invasora, e seu império deve-se à inquietude dos indivíduos e dos grupos em busca de si mesmos.

Em época de redes sociais, todos são envolvidos com a troca de mensagens, conversas, quando param para ler e enveredar pelo universo das folhas de papel de um livro o resultado pode ser imprevisível. Nos dias atuais, pensada essa leitura, é possível perguntar se ainda a literatura tem tanta força no “favorecimento da descoberta dos sentidos”, ou se, frente aos avanços tecnológicos, teria havido uma mudança na atividade cognitiva, alterando o leitor que o homem contemporâneo é capaz de ser.

Quanto à modificação radical dos processos de leitura e produção de sentido pelas tecnologias eletrônicas, Bordini e Aguiar (1993) comentam:

[...] todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente (...) a literatura dá conta da totalidade do real, pois, representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla (...) A obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através de mediação da linguagem verbal, escrita ou falada. O texto produzido, graças a essa natureza verbal, permite o estabelecimento de trocas comunicativas dentro dos grupos sociais, pondo em circulação esse sentido humano (p. 14).

Nesse sentido, sendo a literatura capaz de dar conta da totalidade do real e atingir uma significação mais ampla ao abranger o particular, pode-se perceber que mesmo com tantas



possibilidades tecnológicas envolvendo o mundo dos alunos, houve um engajamento na leitura proposta na escola. Associada à leitura, a elaboração e atualização de blogs – construídos pelos alunos – contribuiu para o processo de compreensão e externalização das leituras particulares de cada aluno.

Jouve (2002, p.102) afirma que o sentido da obra se dá na relação do leitor com o texto, sugerindo uma entrada inclusive da subjetividade do leitor na discursividade. Nas palavras do autor:

[...] o eu (leitor) que se engaja na obra sempre é, de fato, ele próprio um texto: o sujeito não é nada mais do que a resultante de influências múltiplas. A interação que se produz na leitura é, portanto, sempre inédita. O sentido, longe de ser imanente, se apresenta como resultado de um encontro: o do livro e do leitor.

O leitor, portanto, deve ser considerado como parte fundamental da equação que gera o sentido da obra. E ao gerar sentido, o leitor reflete também sobre seu contexto, sobre sua realidade e é capaz de inferir nela suas reflexões, suas experiências. No universo escolar, o aluno, junto com toda sua longa ou curta experiência de vida, e seu restrito ou vasto repertório pessoal, é fundamental na produção de sentido de um texto literário. O problema muitas vezes se instaura porque a escola ensina o leitor a realizar uma leitura linear da obra, focando sua atenção apenas na anedota relatada, o conteúdo da obra, e ignorando justamente o que faz o texto literário ser obra de arte: os diversos aspectos da ordem estética do livro – questões que o projeto em questão buscou suprir possibilitando ao aluno mais do que foco na história contada e no conteúdo da narrativa.

## **5 Referências**

AGUIAR, Vera Teixeira de.; BORDINI, Maria da Glória. Literatura: a formação do leitor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CANDAU, Joël. Antropologia de la memoria. Buenos Aires: Nueva Visión, 2006.

GERALDI, J. W. O texto na sala de aula: prática da leitura de textos na escola. 2<sup>a</sup> ed, Cascavel: Assoeste, 1984.

ILHA, Andréa. A Menina que veio de longe. São Paulo: All Print Editora, 2012.

JOUVE, Vincent. A Leitura. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Orientações curriculares para o ensino médio. Volume 1. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf)> Acesso em 02 maio 2014.

MOURA, Patrícia. Para todos que vieram de longe. Disponível em <[http://alunosealeitura.blogspot.com.br/2013\\_10\\_01\\_archive.html](http://alunosealeitura.blogspot.com.br/2013_10_01_archive.html)> Acesso em 03 maio 2014.

NETO, João Cabral de Melo. A descoberta da Literatura. Disponível em <<http://leaoramos.blogspot.com.br/2008/03/joo-cabral-de-melo-descobriu-literatura.html>> Acesso em 30 out 2013.

SMOLKA, Ana Luiza B. A atividade da leitura e o desenvolvimento das crianças: considerações sobre a constituição de sujeitos leitores. In: SMOLKA, Ana Luiza B. et al. Leitura e Desenvolvimento da Linguagem. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.